



Maestra e Vida



Tem gente que constrói casas. Tem gente que constrói histórias. E tem gente rara, como Cenir Silva, que faz as duas coisas ao mesmo tempo — com cimento nas mãos, música na alma e uma coragem que escora até os dias mais difíceis.

Maestra, filme dirigido com delicadeza e firmeza por Bruna Piantino, nos convida a conhecer essa mulher extraordinária: mestra de obras em Belo Horizonte, especialista em restauro de patrimônios, cantora de coral e mestra também em generosidade. Cenir conduz sua vida como conduz suas obras: com capricho, atenção e um senso de propósito que emociona.

O documentário não é só sobre ela. É sobre todas as mulheres que enfrentam paredes erguidas pelo machismo todos os dias. É sobre o que a cidade oferece — ou nega — a quem ousa sonhar com alicerces mais justos. É sobre moradia, sim. Mas é também sobre pertencimento, autonomia e beleza no meio do pó.

A voz de Cenir, que encantou a diretora em uma entrevista despretensiosa, é o fio-condutor dessa narrativa potente. Ao lado de outras mulheres, ela ensina sobre construção civil em um projeto social chamado *Arquitetura na Periferia*. Ensina, mas também aprende — sobre força coletiva, sobre afeto e sobre a poesia de ver mulheres levantando suas próprias casas e, com elas, novas possibilidades de mundo... sobre conquista de territórios.

Na próxima quarta-feira, 30 de julho, às 20h, o auditório do Instituto Federal de Brasília — Câmpus Recanto das Emas, transforma-se em canteiro de sonhos. É quando o filme *Maestra* será exibido gratuitamente dentro da programação da Mostra Internacional Cinema Urbana 2025. E ainda teremos a presença da diretora, para um bate-papo após a sessão.

Eu estarei lá e estendo o convite ao leitor amigo. Vai ser um belo

momento para refletir, emocionar-se... E, quem sabe, para sair da sessão com vontade de erguer não só paredes, mas também pontes — entre realidades tão diferentes, mas tão próximas. Brasília é a cidade brasileira com maior abismo entre realidades.

Vida de sonho Lago Sul e de pesadelo em tantas regiões administrativas cujo mínimo de dignidade é negado à população. Sei que mesmo assim o povo segue firme e momentos de alegria estão presentes, mas lembrar que a desigualdade precisa ser combatida é sempre algo urgente e a sétima arte é também uma mestra nessa tarefa.

Cenir nos mostra, de fato, que uma vida bem-vivida é aquela que, mesmo na lida pesada da construção civil, encontra tempo para cantar. E que, mesmo quando o mundo parece desabar, há sempre espaço para recomeçar — tijolo por tijolo, nota por nota.